UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE - NFD
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA ALANA DE ARAUJO OLIVEIRA

(RE)CONTANDO A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: narrativas que atravessam o sócio-histórico-cultural das máscaras de Bezerros-PE

CARUARU
2025

MARIA ALANA DE ARAUJO OLIVEIRA

(RE)CONTANDO A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: narrativas que atravessam o sócio-histórico-cultural das máscaras de Bezerros-PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Estágio supervisionado do Ensino Fundamental nos anos iniciais.

Orientador (a): Profª. Dra. Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

CARUARU

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Oliveira, Maria Alana de Araujo.
(Re)contando a experiência de estágio supervisionado: narrativas que atravessam o sócio-histórico-cultural das máscaras de Bezerros-PE / Maria Alana de Araujo Oliveira. - Caruaru, 2025.
44 : il.

Orientador(a): Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2025.
Inclui referências.

1. Práticas de Estágio Supervisionado. 2. Práticas Curriculares. 3. Ensino de Artes. 4. Identidade Cultural. 5. Confecção das Máscaras de Bezerros. I. Almeida, Lucinalva Andrade Ataíde de. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

MARIA ALANA DE ARAUJO OLIVEIRA

(RE)CONTANDO A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: narrativas que atravessam o sócio-histórico-cultural das máscaras de Bezerros-PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado(a) em: 04/08/2025.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida
NFD/CAA - UFPE
(Orientadora)

_____

Prof. Dr. Filipe Antônio Ferreira da Silva
(Primeiro Examinador)

_____

Prof. Dr. Luiz Gustavo Mendel de Souza
(Segundo Examinador)

RESUMO

A pesquisa intitulada “(Re)contando a experiência de estágio supervisionado: narrativas que atravessam o sócio-histórico-cultural das máscaras de Bezerros-PE”objetiva compreender como a identidade dos artesãos das máscaras de Bezerros mobiliza a dimensão sócio-histórico-cultural nas práticas de estágio supervisionado, apresentando a vivência em uma turma do 5° do Ensino Fundamental e o envolvimento com a regência para o ensino de Artes, que se dá a partir do meu encontro com o livro Máscaras de Bezerros e configurou-se enquanto uma oportunidade de resgatar, e valorizar os saberes culturais da população bezerrense. Fundamentada na Teoria do Discurso, conforme Laclau e Mouffe (2015). Que considera a produção discursiva que envolve o currículo como uma construção dinâmica, multifacetada e potencialmente transformadora. Foi e é com Brandão (2008) que as narrativas dos artesãos bezerrenses, são situadas como expressões da identidade cultural das máscaras, essa formada por diversos fazeres artísticos que transformam a matéria bruta usando da arte das mãos em água, papel e cola para (re)criar o imaginário dos objetos culturais do mundo simbólico atravessado por práticas educativas no aprender-ensinar, saberes, memórias e identidades locais. No entanto, a prática de estágio nos levou ao papel escolar assumido pelo uso do Organizador Curricular — alinhado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo de Pernambuco —, que impôs uma lógica normativa, a qual tende a padronizar práticas curriculares e pedagógicas, restringindo possibilidades de interpretação e tradução por parte dos professores e da escola, o que encontramos em Kreuz e Leite (2022) como hegemonia curricular e a necessidade dos professores se reconhecerem como construtores da produção curricular. É através do ensino de Artes nessa experiência de estágio que se faz possível assumir o caráter construtor curricular, com práticas curriculares de função social e política, comprometidas com os estudantes para o desenvolvimento dos significados históricos-culturais sobre si mesmos e o seu contexto local.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Máscaras de Bezerros; Práticas curriculares; Identidade cultural.

ABSTRACT

The research aims The research entitled “(Re)telling the supervised internship experience: narratives that traverse the socio-historical-cultural context of the masks of Bezerros-PE” aims to understand how the identity of the artisans of the masks of Bezerros mobilizes the socio-historical-cultural dimension in supervised internship practices, presenting the experience in a 5th grade elementary school class and the involvement with conducting for the teaching of Arts, which takes place in the context of the cultural heritage of the region. -historical-cultural dimension in supervised internship practices, presenting the experience in a 5th grade elementary school class and the involvement with the teaching of Arts, which arose from my encounter with the book Máscaras de Bezerros (Masks of Bezerros) and was configured as an opportunity to rescue and value the cultural knowledge of the Bezerros population. Based on Discourse Theory, according to Laclau and Mouffe (2015), which considers the discursive production involving the curriculum as a dynamic, multifaceted, and potentially transformative construction. It was and is with Brandão (2008) that the narratives of the artisans of Bezerros are situated as expressions of the cultural identity of the masks, formed by various artistic practices that transform raw materials using the art of the hands in water, paper, and glue to (re)create the imaginary of cultural objects from the symbolic world traversed by educational practices in learning-teaching, knowledge, memories, and local identities. However, the internship practice led us to the school role assumed by the use of the Curriculum Organizer — aligned with the guidelines of the National Common Core Curriculum (BNCC) and the Pernambuco Curriculum — which imposed a normative logic, which tends to standardize curricular and pedagogical practices, restricting possibilities for interpretation and translation by teachers and the school, which encroaches on the school's role.

Keywords: Supervised internship; Calf masks; Curricular practices; Cultural identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Caixa para a releitura do livro Máscaras de Bezerros	18
Figura 2 –	Estudante com a máscara Estilo Cabeção - elemento da caixa	19
Figura 3 –	Estudante desenhando o Papangu em adereços de tiara e brincos	20
Figura 4 –	Grupo de Papangu de Bezerros do pai do artesão Beto Cabeção	22
Figura 5 –	Artesão Beto Cabeção fazendo o seu molde em barro e parafina	23
Figura 6 –	Artesão Beto Cabeção confeccionando a máscara Estilo Cabeção	24
Figura 7 –	Máscara Estilo Cabeção com personalidade pernambucana - Beto Cabeção	24
Figura 8 –	La Ursa na mão de branco e com a personalidade pernambucana - Beto Cabeção	25
Figura 9 –	Máscaras gigantes – Lula Vassoureiro	26
Figura 10 –	Oficina de máscaras com adultos – Lula Vassoureiro	27
Figura 11 –	Idealização das pinturas das máscaras tradicionais – Lula Vassoureiro	28
Figura 12 –	Falando de arte e Papangu na oficina fundo de quintal – Lula Vassoureiro	29
Figura 13 –	Artesã Leninha confeccionando máscaras de gesso para chaveiros	31
Figura 14 –	Brincos em papel machê – Leninha	32
Figura 15 –	Fantasia Rainha do Papangu – Concurso de Papangu de 2005	33
Figura 16 –	Fantasia Rainha do Papangu – Concurso de Papangu de 2005	33

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	**8**
2	**CAMINHO METODOLÓGICO.....**	**11**
3	**RELEITURA DO LIVRO MÁSCARAS DE BEZERROS: A EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR NAS PRÁTICAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....**	**15**
4	**NARRATIVAS QUE CONTAM A ARTE DAS MÃOS EM ÁGUA, PAPEL E COLA.....**	**21**
5	**ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PRÁTICAS CURRICULARES E A IDENTIDADE CULTURAL DAS MÁSCARAS DE BEZERROS**	**35**
6	**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**	**40**
	REFERÊNCIAS.....	**42**

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, cujo título é “(Re)contando a experiência de estágio supervisionado: narrativas que atravessam o sócio-histórico-cultural das máscaras de Bezerros-PE”, emerge durante o processo de graduação do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco no Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA), mediante a vivência de estágio supervisionado em uma turma de 5° ano do Ensino Fundamental da rede pública do município de Bezerros. O movimento deste estudo, através das contribuições da Teoria do Discurso (Laclau; Mouffe, 2015) entende o discurso como parcial e contingente, por isso busca evidenciar a expressão da cultura popular em sua relação com a educação para a compreensão de currículo a partir da natureza dinâmica e multifacetada na transformação social, cultural e histórica de um povo. Assim, o interesse de investigação pela temática aproximasse da pesquisa Produtividade CNPq[1], que se inscreve no debate nacional sobre os rumos das políticas curriculares e práticas curriculares e suas materializações no cotidiano escolar da sala de aula.

No cerne dessa discussão está um elemento formativo que possibilitou materializar a relação entre os fazeres do estágio com e para os sujeitos da escola, pois ao ter acesso ao livro Máscaras de Bezerros criado na parceria do Governo de Pernambuco com a prefeitura de Bezerros, surge-me uma curiosidade até mesmo científica, voltada ao querer pesquisar com um olhar atento, para estudar e reinventar, recriar, e reescrever o conhecimento do texto (Freire, 2007), ansiando apropriar-me de um conhecimento desconhecido, estranho e propriamente não acessado em meu processo de escolarização na educação básica.

O livro contempla uma apresentação de figuras populares do município, informações sobre a cultura, a história e a economia, claro que ao me deparar com essa obra lembrei-me de Lispector (1998, p. 1) ao citar o livro "Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato, "Era um livro grosso, meu Deus, era um livro de se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses [...]”, logo, adentro aos saberes acerca da “Folia do Papangu” enquanto uma parte da minha identidade local, traduzida nas diferenças temporais e entre os modos de confecção das máscaras, desde as pioneiras que são as máscaras tipo *Cabeção,* as quais tiveram inspirações em *La Ursa,* usando a arte do papel colê, papelão e barro, como posteriormente com o surgimento da proposta do brincar artístico vivo que fala da peça por seus diversos e diferentes contrastes nas cores,

[1] O presente Trabalho de Conclusão de Curso faz parte de um projeto maior de produtividade cujo título é “Contextos de políticas-práticas curriculares e avaliativas tecidas no cotidiano de professores da educação básica” – CNPq, tendo como coordenadora a professora e orientadora Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida. O projeto conta com a participação de pesquisadoras estrangeiras e brasileiras, conta também com a participação de estudantes a nível de mestrado, doutorado e iniciação científica.

condiciona também a diminuição significativa na quantidade de material utilizados, o que levou a um menor tempo de elaboração de cada máscara e com materiais menos brutos e pesados, portanto, as máscaras gigantes passam a surgir em acessórios da moda, com papel machê e até mesmo através de brincos e tiaras como adereços delicados.

Nesta linha, o desenvolvimento da dimensão sócio-histórico-cultural no repertório do livro, contribui para reconhecermos a necessidade de abordar neste estudo as narrativas dos artesãos bezerrenses em meio às produções discursivas que (re)contam a identidade local da população bezerrense, visto que em sala de aula com a turma de 5° ano do Ensino Fundamental, o cotidiano escolar estava por vezes regido ou *"engolido"* pela tentativa de subtração da autonomia da comunidade escolar na formulação das suas propostas curriculares, suprimindo as singularidades locais e regionais que envolvem o cultural, a identidade de professores, de estudantes e da comunidade escolar em geral (Bedin; Antônio, 2023), a fim de determinar um sentido último em torno da definição de currículo, aprendizagem e avaliação.

Ao planejar a regência, impulsiono a necessidade de fuga a essa certeza última e única sobre a compreensão de currículo, buscando provocar rupturas na instrumentalidade que perfila, determina ou limita *"aquilo que é"* a expressão da cultura popular nas práticas curriculares e pedagógicas. Contudo, a atuação pedagógica mediada e vivenciada na regência da experiência de estágio supervisionado, utiliza de uma caixa de maneira lúdica para impulsionar um momento de releitura do livro, contendo: a máscara *La Ursa,* a *Cabeção,* feitas de emborrachados e também acessórios de brincos e tiaras, bem como a foto dos artesãos de maior referência na confecção das máscaras de Bezerros, que são Carlos Alberto, Leninha e Lula Vassoureiro.

Assim, construo processos de ensino e aprendizagem com e para as crianças e adolescentes, fundamentados ao artístico e histórico que por vezes estão invisibilizados nos fazeres cotidianos da sala de aula do Ensino Fundamental, principalmente aqueles descritos no Organizador Curricular – documento para codificar as competências e habilidades alcançadas por bimestre nos anos iniciais da educação básica –, dando ênfase ao preparo para as avaliações diagnósticas, especificamente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Nesta linha, tomamos o seguinte eixo de problema de pesquisa: como reconhecer a identidade dos artesãos das máscaras de Bezerros no cotidiano escolar da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir das práticas de estágio supervisionado? A principal problematização se dá no resgate da história, da expressão cultural e de narrativas dos artesãos das máscaras de Bezerros, compreendendo a cultura como teias de significados que apenas os seres humanos em sua natureza de sujeitos sociais, assumem o papel de tecer a cultura enquanto uma ciência interpretativa (Geertz,

2008) e à procura de sentidos e valores que nascem aos grupos sociais com base em suas relações entre pares, em suas condições históricas, e também nas tradições expressas e incorporadas (Hall, 2003). Contudo, ainda visamos também para este estudo abordar os sentidos das práticas curriculares encontrados nos fazeres cotidianos da sala de aula do Ensino Fundamental para as manifestações artísticas e culturais da confecção das máscaras, na experiência de estágio supervisionado, portanto, argumentamos acerca das políticas curriculares e práticas pedagógicas, apontando às tendências homogeneizadoras nos discursos (Gigante, 2021), as tensões e os limites existentes.

Dessarte, salientamos que nosso problema de pesquisa e os questionamentos que o acompanham ajudaram-nos a delinear nosso objetivo geral enquanto compreender como a identidade dos artesãos das máscaras de Bezerros mobiliza a dimensão sócio-histórico-cultural nas práticas de estágio supervisionado. Espera-se que a pesquisa trate como esse caráter identitário que perpassa a confecção das máscaras implica diretamente na posição pedagógica em sala de aula.

Assim, os objetivos específicos foram construídos para analisar os sentidos das práticas curriculares encontrados nos fazeres cotidianos da sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental para as manifestações artísticas e culturais da confecção das máscaras e analisar as narrativas dos artesãos bezerrenses em meio às produções discursivas que caracterizam as identidades nas confecções das máscaras enquanto contribuição das práticas curriculares. Portanto, tratamos as práticas de estágio supervisionado no Ensino Fundamental, as práticas curriculares que inquietaram o planejamento da regência e o estágio supervisionado na formação inicial de professores, como a experiência que transcende a simples aquisição de conhecimentos históricos, geográficos, artísticos e culturais, sendo o trajeto de transformação pessoal e profissional.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

A abordagem utilizada para a elaboração deste estudo é a pesquisa qualitativa, por entendermos que há interação com os sentidos que os sujeitos atribuem a sua realidade nas relações, nos processos e nos fenômenos do universo de significados, valores e crenças (Minayo, 2001). Logo, usamos o estado da arte para nos depararmos com a aproximação do objeto de pesquisa do estudo, contemplando os principais autores de produções recentes, permitindo pensarmos e questionarmos as conceituações sobre o tema e a nossa própria escrita científica do texto (Santos, 2018). Assim, ao mapear as produções de conhecimento que apontam as concepções acerca das práticas de estágio supervisionado no Ensino Fundamental, buscamos por artigos publicados em dossiê de Universidade Pública que tratam o estágio supervisionado em cursos de formação docente, e nos aproximamos do dossiê intitulado por "debates contemporâneos sobre estágio supervisionado na formação de professores" da revista interdisciplinar Desafios da Universidade Federal do Tocantins (UFT), com o período de publicação 2024, contendo a exposição das publicações de 17 artigos.

Nesta linha, através dos estudos levantados obtiveram-se 13 artigos com os seguintes eixos: práticas de estágio supervisionado na Educação Infantil ou no Ensino Médio, atuação dos profissionais de Educação Física, práticas avaliativas, formação de professores e Sequência de Ensino Investigativo (SEI) para ensinar grandezas físicas, o que implica em eixos não associados com o interesse da pesquisa em tratar as práticas de estágio supervisionado constituídas no e para o Ensino Fundamental. Consequentemente, apenas 4 artigos aproximam-se. O quadro abaixo representa a organização do conhecimento, dando notoriedade aos estudos que contribuem para a pesquisa e com a apresentação que envolve o título dos trabalhos, objetivo, palavras-chave, autores e as Instituições de Ensino Superior (IES):

Títulos dos trabalhos	Objetivo	Palavras-chave	Autores e IES
"Me perdi tanto no campo... Mas me achei!": o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física na perspectiva dos/as estagiários/as.	Compreender como as etapas do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) são abordadas pelos/as estagiários/as.	Educação física. Docência. Estágio.	Adriano Lopes de Souza, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT); Mayrhon José Abrantes Farias, Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Saberes docentes mobilizados na disciplina de estágio supervisionado II.	Verificar as repercussões da mobilização de saberes docentes no decurso da disciplina de Estágio Supervisionado II para formação de futuros professores de Matemática.	Formação inicial de professores de Matemática. Estágio supervisionado. Saberes docentes.	Geanne Magalhães Soares, Universidade Federal do Tocantins (UFT); Getúlio Pereira da Silva Junior, Universidade Federal do Pará (UFPA); José Domingos Antônio Gonçalves, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT); Gerson Ribeiro Bacury, Universidade Federal do Amazonas (Ufam); Elisângela Aparecida Pereira de Melo, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc); Tadeu Oliver Gonçalves, Universidade Federal do Pará (UFPA).
As experiências e possibilidades formativas na realização do estágio curricular supervisionado remoto e presencial.	Refletir sobre as experiências advindas do Estágio Curricular Supervisionado (ECS) no Ensino Remoto Emergencial (ERE) e presencial.	Docência. Educação Infantil. Ensino Fundamental. Formação inicial. Educação Física.	Pietro Nicolas Rodrigues Machado, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc); Roque Luiz Bikel, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc); Larissa Cerignoni Benites, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).
As unidades didáticas multiestratégicas na licenciatura em Ciências Biológicas: limites e possibilidades.	Coletivizar o desenvolvimento das ações desenvolvidas na disciplina de Estágio Supervisionado II: Instrumentação para o Ensino de Ciências e Biologia (ESII), bem como o conhecimento apreendido pelo estagiário ao longo do período, além de analisar a implementação das Unidades Didáticas Multiestratégicas (UDMs) como proposta de organização para uma das disciplinas de Estágio Supervisionado.	Formação inicial de professores. Estágio supervisionado. Educação em Ciências. Ensino Fundamental II.	Gustavo Antônio Ribeiro Souza, Universidade Federal do Tocantins (UFT); Thalita Quatrocchio Liporini, Universidade Federal do Tocantins (UFT); Luciane Elias de Freitas Alves, Secretaria de Estado da Educação do Tocantins.

Fonte: Autora, 2025.

A leitura desses 4 estudos nos inquieta para trazermos as vivências formativas que surgem na pesquisa-ensino como indissociáveis da experiência do estágio supervisionado na formação inicial de professores, por mediar a universidade e a ligação direta com a escola. Por consequência, acreditamos que o estágio oportuniza o singular da docência que ensina e aprende em sala de aula. Contudo, queremos destacar que há uma lacuna na visibilidade das discussões que conversem com o cotidiano escolar do Ensino Fundamental, especificamente dos anos iniciais, levando em consideração que a razão da pesquisa se dá mediante a experiência do estágio supervisionado em uma turma do 5° ano do Ensino Fundamental.

Dessa forma, entre os 4 artigos que contribuem para a pesquisa, apenas 1 artigo aborda os anos inicias do Ensino Fundamental, sendo a produção "As experiências e possibilidades formativas na realização do estágio curricular supervisionado remoto e presencial", o texto científico valoriza uma narrativa sobre a experiência de estágio supervisionado como um meio de descobertas, o lugar desconhecido que desafia, ao mesmo tempo que também permite trocas e aproximação entre os sujeitos escolares, essencialmente entre as crianças. É proposto a reflexão de como a didática e o planejamento da aula são meios potencializadores para provocar rupturas nas práticas do estágio supervisionado, por exemplo, o círculo de conversa que aparece como um fazer do estágio e que tomou forma de exercício significativo para os processos de ensino e aprendizagem por viabilizar debates de conteúdos e atividades da turma, incentivando a participação coletiva.

Ademais, tendo em vista ainda a natureza de elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa de campo tem como recorte espacial o município de Bezerros do estado de Pernambuco, por ênfase na escola pública municipal Rui Barbosa, através dos registros presentes no diário de campo, compreendendo a sala de aula enquanto chão para a experiência de estágio supervisionado em uma turma de 5° ano do Ensino Fundamental e também se constitui nos ateliês dos artesãos bezerrenses Carlos Alberto, Leninha e Lula Vassoureiro, tomamos as várias produções discursivas que se estabelecem tanto através das narrativas nos fazeres artesanais quanto nos fazeres da sala de aula. Outrossim, a Teoria do Discurso (Laclau; Mouffe, 2015) é indispensável para o instrumental teórico-metodológico, uma vez que contribui para análise da manifestação de diversos discursos sociais e culturais em diferentes contextos. Nesta linha, realizamos os seguintes passos para coleta e produção de dados:

1) Mapeamento das produções de artigos que apontam as práticas de estágio supervisionado;
2) Desenvolvimento do estado da arte;

3) Apresentação do livro Máscaras de Bezerros como elemento formativo nas práticas de estágio supervisionado;
4) Entrevistas semiestruturadas com os artesãos bezerrenses, diante ao objetivo de analisar as produções discursivas que caracterizam as identidades nas confecções das máscaras enquanto contribuição das práticas curriculares;
5) Observações das aulas para identificar as produções discursivas que permeiam as práticas curriculares do Ensino Fundamental nos anos iniciais para as manifestações artísticas e culturais da confecção das máscaras;
6) Observações dos trabalhos artesanais para a histórica confecção das máscaras.

Ressaltamos que a escolha dos instrumentos de observação e de entrevistas semiestruturadas permite ao pesquisador novas inquisições, vislumbres e outras perspectivas para inquietar ou provocar os dados coletados e o objeto de pesquisa (Trivinos, 1987). Além disso, o desenvolvimento desta pesquisa tem as devidas autorizações dos sujeitos participantes para realização da coleta e análise dos dados nas entrevistas e observações, contudo, pelo compromisso ético será preservado o nome da professora e dos estudantes da turma de 5° ano do Ensino Fundamental do estágio supervisionado, assim, na pesquisa apenas será de uso os nomes dos artesãos, por serem figuras históricas e populares.

3 RELEITURA DO LIVRO MÁSCARAS DE BEZERROS: A EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR NAS PRÁTICAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Ao estágio supervisionado tradicionalmente é dado a conjuntura da instrumentalização técnica na apropriação dos fazeres que polarizam prática e teoria, o que acreditamos desvalorizar a essência do ensino-pesquisa impulsionado nas observações, na escuta, nas descobertas, nas trocas das relações, nos saberes e vivências pertencentes da experiência de estágio supervisionado.

Diante dessa essência do ensino-pesquisa, a experiência de estágio supervisionado em turma de 5° ano do Ensino Fundamental, se deu em uma sala de aula que comportava 21 estudantes, estávamos no ano 2024 e sendo esse ano o processo inicial de implementação ao ensino integral na rede municipal. Essa mudança reformula o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola que passa a privilegiar um ideal do aluno protagonista, ofertando eletivas como Projeto de Vida, esta é embasada nos conceitos do empreendedorismo e Estudo Orientado que se caracteriza como uma estratégia de controle das atividades e de como estão sendo realizadas pelos estudantes nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

O uso do Organizador Curricular, que é um documento curricular com alinhamento às políticas curriculares normativas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo de Pernambuco, hegemonizam as práticas curriculares e pedagógicas do cotidiano escolar, padronizando e tornando imóvel a uma significação de competências e habilidades específicas. Logo, a obrigatoriedade dos professores para se adaptarem ao Organizador Curricular como fundamento do planejamento bimestral, aponta uma discursividade que desautorizam a escola e os sujeitos a interpretação do próprio texto da política curricular (Pimentel, 2021) e na reconfiguração das práticas articulatórias que organizam as relações sociais no cotidiano escolar.

Contudo, sucede-se um esvaziamento do conhecimento e dos conteúdos do ensino com o planejamento bimestral e todas as atividades pedagógicas propostas terem importância secundária por servir ao desenvolvimento das habilidades com a ênfase nos códigos para tratar conteúdos específicos e adquirir habilidades específicas. O que pode ser uma forma de *"engolir"* e disciplinar o cotidiano da sala de aula, alinhando-o a determinadas normas e expectativas. Além disso, ao priorizar as habilidades prescritivas em detrimento do conteúdo, há um sucateamento de certos tipos de saberes em prol da conformidade com padrões predefinidos.

Em sala de aula, com atividades frequentes para as diagnósticas na disciplina de Matemática é trabalhado os sinais, contagem dos meses, ordem e classe, valor lugar. Com a classe das milhares e classe das unidades simples, a partir disso é instruído a leitura de acordo com o valor posicional com a identificação do valor absoluto e valor relativo e também aparece bastante os problemas

matemáticos com multiplicação e divisão. Destaco a seguinte observação do diário de campo (fevereiro, 2024):

> [...] em revisão das questões para a diagnóstica, aparece a questão com o enunciado: Carol irá pagar em 36 meses as parcelas do seu carro, em quantos anos vai conseguir pagar. Essa gera muitas dúvidas na turma [...] Diante as dúvidas dos estudantes, a professora realiza a mediação dando a solução para "*chegar ao resultado exato*", retirando o tempo de formulação de hipóteses, de investigação das crianças, pois a professora se reconhece em uma corrida para o "*é preciso dar conta*" de passar determinado conteúdo em busca de tentar desenvolver determinada habilidade nos estudantes.

No entanto, ao trabalhar com o sistema decimal são realizadas explicações que mobilizam o coletivo a participação, por ser propiciado discussões e informações sem a rigidez do aprender a aprender. Portanto, destaco a seguinte observação do diário de campo (fevereiro, 2024):

> [...] a professora começa falando sobre o modo de vida dos nômades, com criação de animais, colheita, mudança de lugar e que durante o período da noite esses povos levavam os animais para dormir, e no período do amanhecer eram levados os animais para se alimentar, por isso surgiu a necessidade de realizar a contagem, os nômades soltavam pedras para controlar a quantidade, depois passaram a riscar cada pedra, sendo uma maneira de escrita por tratar-se de um símbolo, e como passo essencial a concepção atual de contagem que temos, os nômades passaram a juntar pares e demonstram uma maior consciência a partir dessa representação. Surgem os algarismos que compõem o nosso sistema decimal. Porque contamos de 10 em 10.

Ademais, a disciplina de Língua Portuguesa se dá com alto rigor instrumental, nessa aparecem ditados, interpretação de textos e gêneros textuais sem o dar a ler com poemas, poesias, livros ou revistas em quadrinhos, que é gênero textual consumido por alguns estudantes nos intervalos das aulas, no entanto, também trabalhasse a quantidade de letras do alfabeto, as palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas, formar palavras a partir da junção de sílabas.

Assim, ao discutir e planejar a regência com a professora da turma de 5° ano do Ensino Fundamental, há um estranhamento dela com o meu desejo de trabalhar a disciplina de Artes, explico do meu encontro com o livro Máscaras de Bezerros desde os sentimentos provocados até a riqueza de promover algo que não tive, que é o acesso a obra na escolarização das crianças da educação básica pública do município de Bezerros, mas as devolutivas da professora em sugestões são claras quanto a preocupação da possibilidade da fuga aos conteúdos exigidos nas avaliações diagnósticas, porque havia uma rotina que acompanhei com as atividades pedagógicas de suas aulas, assemelhadas a treinos constantes para alcançar metas de notas e o preparo dos estudantes tinha até a entrega de premiações aos qualificados em uma métrica de quantificação, por serem definidos por números como *“melhores”*.

O aceite da regência com as Artes soava quase como uma missão de resgatar os valores culturais, históricos e sociais da população bezerrense na confecção das máscaras diante a desafiadora intensificação da rotina treineira. Portanto, (re)contamos nesta pesquisa a experiência de estágio supervisionado.

Ao iniciar a regência, vou ao quadro escrever a palavra sócio-histórico-cultural, pergunto se a turma conhece o significado e se já ouviu falar sobre os estudantes afirmam não conhecer, então eu divido a palavra e pergunto o que eles acham que significa sócio e um estudante responde “é o dono de uma empresa”, eu afirmo que nesse caso não seria referente a isso e pergunto quem teria outra concepção. Até que uma estudante responde que sócio é sobre o social, eu concordo e escrevo acima da palavra sócio uma seta indicando as palavras: sociedade, nosso contexto (onde moramos), a partir disso pergunto qual o nome do nosso munícipio e a turma responde Bezerros, então situo que Bezerros é o nosso contexto social.

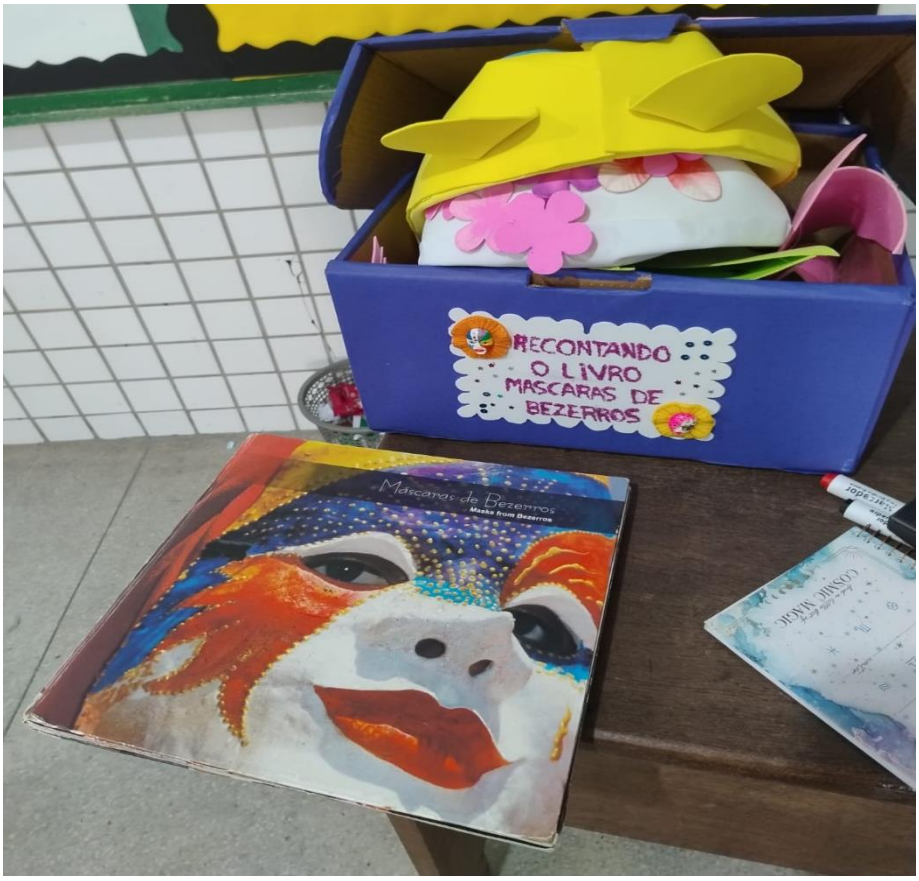
A palavra histórico pergunto o que a turma acredita que irá se tratar e respondem que é sobre a história, então eu escrevo acima da palavra histórico uma seta indicando as palavras: história, o surgimento das coisas, descobertas, modo de vida, economia, a partir disso falo sobre na época em que tinha a idade desses estudantes, com três moedinhas de um real, eu conseguia comprar um refrigerante de 2L, porque o histórico remete às transformações de um modo de vida desde a questão do valor monetário, ao surgimento de símbolos e de coisas fundamentais para pensarmos nossa localidade, o nosso cotidiano, assim como as descobertas possibilitam melhorias que perpassam o cronológico temporal.

Por fim, na palavra cultural pergunto o que a turma remete a essa palavra e as crianças sem contestar qualquer outro sentido, falam cultura, então eu escrevo acima da palavra cultural uma seta indicando as palavras: nossa cultura, crenças e tradições, a partir disso reforço que a cultura assim como a história conta sobre nosso povo, a nossa população bezerrense e que é algo perpassado por gerações e gerações. Como, por exemplo, a nossa cultura durante o período carnavalesco é de utilizar o que nas ruas? Logo, os estudantes respondem que é o uso das máscaras e que refere-se a cultura do Papangu de Bezerros.

Assim, após destrincharmos a palavra sócio-histórico-cultural, apresento para a turma duas máscaras grandes e pergunto se a turma saberia responder sobre o que seria trabalhado em nossa aula e a turma responde que seria sobre o Carnaval. Eu afirmo que não, mas seria sobre algo de nossa cultura nessa comemoração, a turma fala que seria sobre as máscaras de Bezerros e eu concordo. Em seguida mostro o livro Máscaras de Bezerros e informo que é um livro o qual só tive acesso através do estágio na escola Rui Barbosa, que a aula surgiu pelo meu desejo de ter conhecido o livro em meu processo de escolarização e pergunto quem costuma ir à biblioteca, quem já leu ou sequer viu esse livro lá. As respostas me surpreendem pois dizem que é apenas de acesso ao 8° e 9° ano, a professora justifica que é devido ao cuidado, por ser um livro importante, restringem o uso dele na escola. Dessa forma, comunico a turma que iremos resolver esse problema, que a caixa vai nos assegurar um contato

com as discussões presentes no livro, e os estudantes nem escondem a curiosidade estimulada para descobrir o que estaria dentro da caixa.

Figura 1- Caixa para a releitura do livro Máscaras de Bezerros

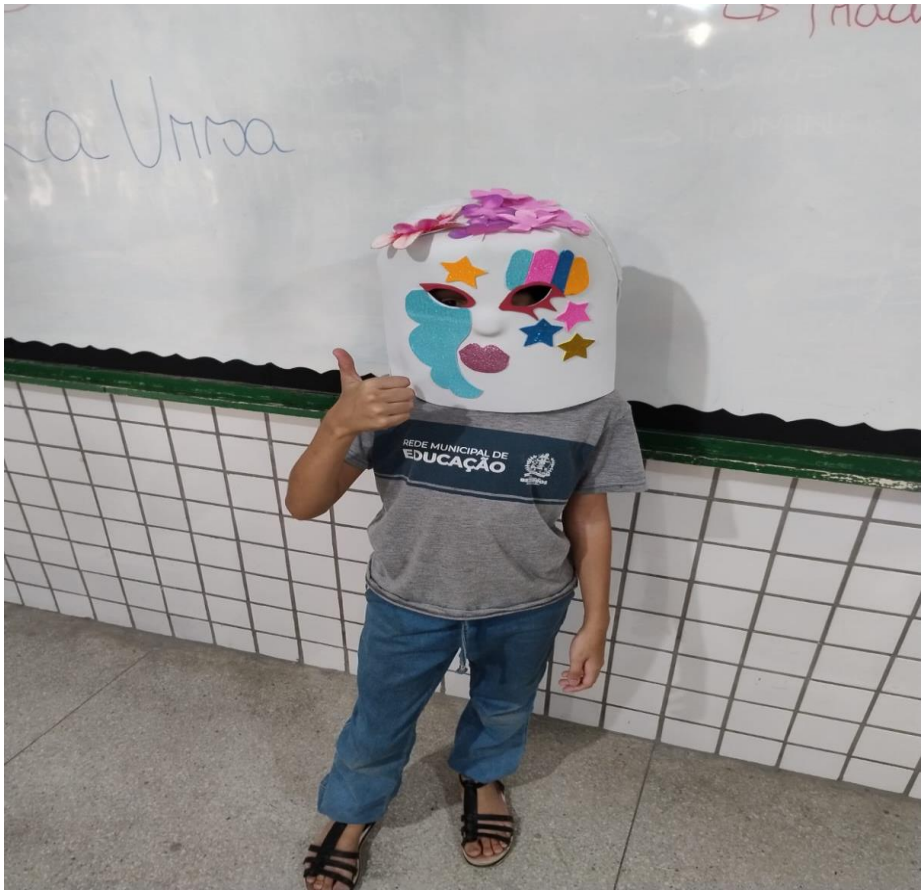


Fonte: Acervo pessoal da autora, 05 de mar. de 2024.

Abro e começo apresentando a imagem com o nome do artesão Carlos Alberto, falo que a sua profissão se volta a inspiração da La Ursa que foi uma pioneira na história das máscaras e que inspiraram um estilo de máscara popular em Bezerros que é a máscara Estilo Cabeção, pego da caixa a La Ursa e pergunto se a turma já tinha visto antes e a turma lembra que em uma das praças do município, a da Centenária tinha a exposição da máscara La Ursa.

Apresento juntamente a do Cabeção e explico que inicialmente as produções das máscaras usavam as características de animais, porém causava um grande medo entre as crianças e passaram a humanizar as características, trazendo semelhanças com a fisionomia humana, outro ponto que evidencio é sobre os materiais usados tanto nas máscaras como na peça do molde delas, por serem mais brutos, era comum ter a presença nas máscaras do papel de embrulhar charque que é semelhante ao papelão por ser mais resistente e grosso, com a técnica do papel colê que até hoje é usada, e para o molde usavam do barro e da parafina.

Figura 2 - Estudante com a máscara Estilo Cabeção – elemento da caixa



Fonte: Acervo pessoal da autora, 05 de mar. de 2024.

Em segundo plano, apresento Lula Vassoureiro que é considerado patrimônio vivo de Pernambuco e a turma fala conhecer ele, que já foram ao seu centro de artesanato levados pela escola. Logo, começo a situar que Lula Vassoureiro passa a fazer uma produção de máscara com uma quantidade de material menor, levando um menor tempo e sem ser materiais brutos como os da produção das máscaras Estilo Cabeção, substituindo o barro do molde pelo gesso e a técnica do papel colê passa a ser com folhas de livros ou jornais, Lula volta-se para uma estética com mistura de cores, em que a população bezerrense costuma usar no baile de carnaval do município.

Como última artista, apresento Leninha, que possibilita reconhecer a mulher no artesanato, e ela foi uma artesã importante para revolucionar a produção das máscaras em tamanhos menores e com materiais menos brutos, voltou-se a uma estética feminina com o uso de acessórios como tiaras e brincos em que as máscaras tomam conta de uma representatividade para as mulheres.

Outrossim, após a releitura do livro Máscaras de Bezerros feita com a caixa, entrego uma folha de papel A4 para cada criança e peço para que desenhem o que chamou atenção dos elementos

presentes na caixa e que assinem o próprio nome no desenho, visto que serão as folhas com as expressões artísticas do nosso livro intitulado por “Recontando o livro Máscaras de Bezerros”.

Figura 3 - Estudante desenhando o Papangu em adereços de tiara e brincos

Fonte: Acervo pessoal da autora, 05 de mar. de 2024.

Dessarte, admitindo-se a necessidade do indivíduo perceber a cultura, para poder assimilá-la, ser transformador, criador e parte dela (Laraia, 2001). As práticas de estágio supervisionado podem favorecer a promoção e reconstrução de práticas culturais na escola.

4 NARRATIVAS QUE CONTAM A ARTE DAS MÃOS EM ÁGUA, PAPEL E COLA

Aqui envolvemos o exercício de rememorar os primeiros contatos com a arte bezerrense, quando ainda criança, frequentei alguns ateliês e centros de artesanato, pude acompanhar e confeccionar máscaras, e lembro-me bem o quanto a expressão cultural atravessou a identidade do eu ao operar sobre esse espaço enquanto uma possibilidade de adentrar em um saber cultural e histórico, até hoje sinto o cheiro do grude – a cola –, misturada a textura das folhas de papel de livros, com as gotas de água que percorreram as minhas mãos durante o moldar da máscara, recordo das cores escolhidas para pintar e a ordem de cada processo dos fazeres condicionados pela técnica artesanal.

A pesquisa propõe o constante resgate do aprender que forma e conscientiza o homem-mundo em um plano de sujeitos sociais e históricos, compreendendo a ciência como o meio de analisar sem frear ou deter as experiências e o desenvolvimento das narrativas. Narrativas essas que são unidades de ação-reflexão na própria experiência existencial do ser humano, pois a "[...] práxis, com que o homem, transformando o mundo se transforma [...]" (Freire, 2007, p. 114), a partir do ato de agir e pensar na realidade, é criador e transformador do mundo.

Assim, transformar o mundo diante do ato de agir e pensar muito diz sobre a arte das mãos em água, papel e cola, é no artesanato que

> O homem que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação [...] ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torna-lo mais humano [...] (BRANDÃO, 2008, p. 14).

O artesanato é a capacidade criativa do ser humano para transformar o mundo ao transpor na arte suas emoções e o aprender-ensinar-e-aprender ao moldar a matéria bruta, confeccionando uma peça cultural que torna-se reflexo da identidade e história de um povo. Por isso, nos convida a analisarmos as narrativas dos artesãos bezerrenses em meio às produções discursivas que caracterizam as identidades nas confecções das máscaras.

A manifestação artística e da cultura popular nas confecções das máscaras é uma atividade para Carlos Alberto que começa ainda no âmbito familiar com seu pai, um típico folião que brincava do domingo do tradicional bloco Acorda Bezerros até a Quarta-feira de Cinzas, levava Carlos Alberto ainda menino, fantasiado pelas ruas no Carnaval do Papangu. De tanto lidar com a admiração do pai por se tornar Papangu, Carlos Alberto passou a se dedicar ao artesanato como necessidade de manter a participação foliã dele, do seu pai e amigos. Pois, afirma que em seu pai,

> "via a necessidade dele sair de Papangu, por conta que também as condições eram poucas, com ele e os amigos, aí eu comecei a fazer máscara. Era para eu e ele sairmos e o pessoal amigo dele" (Extrato de entrevista, maio, 2025).

Figura 4 - Grupo de Papangu de Bezerros do pai do artesão Beto Cabeção

Fonte: Acervo do ateliê de Beto Cabeção, 02 de mai. de 2025.

A imagem acima é um registro do grupo de Papangu de Bezerros do pai do artesão Carlos Alberto, no ano de 1990, a criança é o próprio artesão com a máscara de pano, sendo essa a sua primeira confecção. Essa iniciativa é o marco para Carlos Alberto encontrar-se na arte enquanto Beto Cabeção, esse nome artístico que se popularizou pela sua identidade do Estilo Cabeção na confecção das máscaras. O se entender artesão, de acordo com Beto Cabeção, acontece a partir do pegar gosto:

> "Fui pegando gosto e estou até hoje com esse trabalho com o Cabeção, desde a primeira vez que eu comecei até hoje. Eu uso como profissão o artesanato. O nome artístico Beto Cabeção aparece na Associação dos Artesãos de Bezerros, lá existia outro Beto que confeccionava máscaras e eu entrei com o Cabeção, sou um dos pioneiros no Estilo Cabeção, quem fazia era o artesão Gilmar Silvestre, depois dele eu continuei, quem mais faz Cabeção em Bezerros sou eu." (Extrato de entrevista, maio, 2025).

Outrossim, o ilustre Beto Cabeção vai construindo sua identidade através das práticas educativas promovidas nos fazeres artesanais com outros artesãos, que oferecem nos diversos contextos alimentar-se da riqueza de experiências (Streck, 2006). Beto Cabeção relata quais artesãos contribuíram para as experiências orientadas e que o tornaram esse ícone da cultura das máscaras de Bezerros, ele afirma que:

> "Na pintura foi o saudoso Sivonaldo Araújo que me ensinou, ele quem trouxe as máscaras estilizadas para Bezerros. Aí eu tive a confecção das máscaras que foi Genildo Soares que me ensinou e também alguns toques de Lula Vassoureiro. Eu juntei um pedacinho de cada um e formei o meu estilo. Hoje se você olhar em qualquer lugar vai reconhecer as minhas máscaras por conta da pintura. Na máscara Cabeção eu faço o contorno, linha, maquiagem. E com a La Ursa faço as orelhas embutidas" (Extrato de entrevista, maio, 2025).

Nos sujeitos sociais, três dimensões estão presentes – a afetiva, a cognitiva e a social – e devem ser consideradas nas aprendizagens (Barbosa, 2002), diante desse contexto, é por meio das

práticas educativas no artesanato que se revelam as aprendizagens repletas da sensibilidade, liberdade criativa e originalidade em cada traço de Beto Cabeção ao reinventar o Papangu da cultura e do folclore popular. Em outras palavras, em seu artesanato restitui nas máscaras Estilo Cabeção a beleza do território fértil da arte popular, legitimando o legado do saber artístico em "[...] desejo de um trabalho bem feito por si mesmo" (Sennett, 2013, p.19). Com suas mãos, é refletido o conhecimento e a experiência adquiridos por artesãos que o antecedem, essas mesmas mãos confeccionam e transmitem valores e crenças.

Ademais, Beto Cabeção demarca bem acerca das atividades artesanais, trazendo as mudanças históricas nos materiais brutos, do início com o molde em barro e parafina, depois a preferência por usar o molde de gesso, ao perceber a praticidade em relação a diferença do peso dos materiais quando estava trabalhando na produção de máscaras maiores. Explicitando mais enfaticamente essas mudanças e a singularidade de sua pintura nas máscaras Estilo Cabeção e La Ursa, dedicamos, sobretudo o lugar das narrativas nos registros visuais, abaixo com as imagens:

Figura 5 - Artesão Beto Cabeção fazendo o seu molde em barro e parafina

Fonte: Acervo do ateliê de Beto Cabeção, 02 de mai. 2025.

Figura 6 - Artesão Beto Cabeção confeccionando a máscara Estilo Cabeção

Fonte: Acervo do ateliê de Beto Cabeção, 02 de mai. 2025.

Figura 7 - Máscara Estilo Cabeção com personalidade pernambucana – Beto Cabeção

Fonte: Acervo pessoal da autora, 02 de mai. 2025.

Figura 8 - La Ursa na mão de branco e com a personalidade pernambucana – Beto Cabeção

Fonte: Acervo pessoal da autora, 02 de mai. 2025.

Há várias formas de ver a identidade artesã de Beto Cabeção, o seu ofício dedica diferentes peças para a tradição do Papangu de Bezerros, mesmo sendo mais conhecido com a confecção do Estilo Cabeção, ele também elabora as máscaras tradicionais que são máscaras que antecedem historicamente a Estilo Cabeção e são feitas com papel, o grude e a tinta, era mais usado a técnica do papel colê com o jornal ou o papel de embrulhar charque, em que hoje essa máscara rústica é confeccionada por Beto Cabeção ao uso das folhas de livros. O artesão também inova com as máscaras gigantes, sendo o criador do Papangu na maior máscara de Bezerros com 1,5 m x 0,85 cm, agora usa do molde composto por fibra que remete ao aspecto, textura e leveza do silicone, essa máscara é feita de puro papel. Portanto, compreendemos que sua produção está sempre em processo, nunca se completa, porque há prazer, permite-se ser curiosa com o passado, o presente e o futuro, e busca manter viva a arte da cultura das máscaras.

Outrossim, com o mestre Lula Vassoureiro o artesanato tira o sujeito da situação de receptor, passivo, visto como sem conhecimento e negado, pois é com o artístico das mãos que o sujeito se coloca no centro da transformação de si e do mundo em um movimento de protagonismo (Freire, 1997), através das narrativas, vivências e experiências que são bagagens de vidas. Para Lula

Vassoureiro sua mudança de sua vida ocorre com a confecção das máscaras, diante da dor ao ser impedido de pisar os seus pés como estudante em uma escola, reconhece na arte e na cultura a sua faculdade.

Na fala do artesão a sua formação social e intelectual é incentivada ao acompanhar o Papangu através das peças criadas pelas mãos do seu pai, “Sou artesão com a idade de 6 anos, porque me vi perdido. Eu olhava para um e para outro indo à escola e eu botando isso na cabeça, com meus pais humildes, que não foram à escola e eu também não pude ir. A escola foi eu vendo o meu pai fazer [...]” (Extrato de entrevista, julho, 2025). Ampliar a consciência da realidade que está inserido por meio da arte, das relações sociais e as questões pertinentes aos campos das crenças, tradições, valores e cultura, é um constante atravessamento com outras identidades, para forjar e encontrar uma identidade coletiva nascida das identidades negadas (Arroyo, 2017), é humanizar-se dialeticamente, como importante sujeito histórico-social.

Figura 9 - Máscaras gigantes – Lula Vassoureiro

Fonte: Acervo do ateliê de Lula Vassoureiro, 15 de jul. 2025.

A autenticidade de Lula Vassoureiro personifica em suas peças uma arte de um homem repleto de orgulho em ser artesão, que em 1962 pulava frevo nas ruas de Bezerros tornando-se personagem

admirado pelo povo por sua alegria, tal qual as das máscaras de Papangus de múltiplas cores confeccionadas com materiais reciclados. Como um mestre, ensina que

> O primeiro passo para fazer a máscara é ter a matriz, se não tiver a matriz você idealiza como o meu pai, ele se ajoelhava e fazia no joelho, com o joelho dava uma forma. O interesse é trabalhar a primeira camada com água, quanto mais pedacinhos de papel sendo pequeno, você modula a feição. A cola você bota a água para ferver, quando está bem fervendo, procura uma pá, pega o pó do trigo, mexe ela direitinho e quando tiver parecendo aquele leite, em 5 minutos fica pronto. Então, coloca 8 camadas de papel acima dessa camada com água, vai direitinho, modulando com força. Quando terminar, a peça vai para secar no sol, vamos para um tal de acabamento, pega uma tesoura e corta as beiradas que é as sobras da máscara, com a tinta de parede ela fica igual uma tapioca branquinha, depois disso eu risco e faço o desenho que quero e idealizo as pinturas (Extrato de entrevista, julho, 2025).

Portanto, para Lula Vassoureiro cada máscara é um ritual de pertencimento que testemunha a força das tradições populares, o valor do saber não escolarizado a partir de uma cultura que resiste, reinventa-se e pulsa em cada Carnaval de Bezerros, suas peças são narrativas visuais que falam de território, da coletividade, da luta e da esperança, elas educam em uma pedagogia de fazeres artísticos, em que cada pedaço de papel é também um gesto de memória, de cuidado e de resistência.

Figura 10 - Oficina de máscaras com adultos – Lula Vassoureiro

Fonte: Acervo do ateliê de Lula Vassoureiro, 15 de jul. 2025.

Nesta linha, afirmando que o artesanato vai tomar conta do mundo e brincando que todos querem ser um pouco do Lula Vassoureiro, retrata a arte e a cultura das práticas educativas que permitem um homem não alfabetizado, mas com sua leitura de mundo vasta, ser referência para as gerações seguintes na tradição das máscaras, inclusive nos diz:

> Eu não parei ainda como artesão e 95% dos artesãos bezerrenses passaram por mim. Na minha época as mulheres não podiam ser artesãs e eu fui atrás de apoiar elas como artesãs e o bom é que hoje são valorizadas. Mesmo sem saber ler, eu converso um bocado sobre artesanato. Tudo que eu faço é com gosto para as máscaras (Extrato de entrevista, julho, 2025).

As práticas educativas são parte legítima para constituir formas outras de fazeres no ensinar e no aprender (Heijmans, 2013), se comprometem com dimensões subjetivas necessárias no processo de aprendizagem como a autoestima, a autoconfiança, a capacidade de se posicionar e de ser ouvido, que são elementos fundamentais para o sujeito perceber que sua produção tem valor, que é capaz de criar e de comunicar algo ao outro. A valorização da cultura e da arte é um caminho necessário para que passe a ser reconhecido nos sujeitos artesãos não uma ausência, mas uma presença carregada de histórias, saberes e singularidades.

Figura 11 - Idealização das pinturas das máscaras tradicionais – Lula Vassoureiro

Fonte: Acervo do ateliê de Lula Vassoureiro, 18 de jul. 2025.

Assim, a identidade artesã de Lula Vassoureiro evidencia que todo sujeito tem o direito de criar, de sentir, de imaginar, de sonhar com o artesanato e a cultura. Logo, quando a Arte é tratada como forma de conhecimento, não é um luxo ou um adorno, mas um direito e uma necessidade, é um meio de se reconhecer, de se posicionar e de intervir na realidade. Lula Vassoureiro diz: “Eu trabalho no Carnaval com 50 a 60 alunos. Na minha oficina fundo de quintal eu tenho diálogo bonito com a criançada com as professoras, com adultos e jovens, são ensinamentos, é minha história de vida no Papangu” (Extrato de entrevista, julho, 2025), para o artesão é em sua oficina fundo de quintal que a arte passa, então, a desempenhar um papel que denuncia silenciamentos, resgata identidades e afirma culturas e pessoas como ele que foram historicamente excluídas.

Figura 12 - Falando de arte e Papangu na oficina fundo de quintal – Lula Vassoureiro

Fonte: Acervo do ateliê de Lula Vassoureiro, 18 de jul. 2025.

Dessarte, Lula Vassoureiro nos ensina que o conhecimento está além dos muros da escola, pois também está nas mãos que criam, nos corpos que aprendem fazendo, nas vozes que (re)contam saberes de tradições culturais. Sua trajetória é um legado inestimável para Bezerros, para a arte popular e para a cultura que nasce do povo e permanece com o povo. A identidade artesão desse mestre nos permite olharmos para outras epistemologias, aquelas que brotam dos fundos de quintais, das feiras, dos ateliês e das rodas de conversa sobre arte (Peixoto, 2003). Logo, nos lembra que não

há sociedade sem arte e com isso reconhecemos o artesão como protagonista de uma educação das práticas educativas que emancipam por serem democráticas, argumentativas e do compromisso, que incentiva o acesso à arte e a cultura.

No entanto, descobrimos que com a artesã Helena Bezerra, conhecida por Leninha, foram as máscaras que a escolheram, como um chamado a uma cultura desconhecida, e através do artístico passa a ser parte criadora, comunicativa e representativa dessa cultura. A arte tem uma funcionalidade e um propósito, é dialética, o encontro com a arte pode ser único e íntimo, com a interpretação e interação que representem os símbolos de uma cultura, de um povo e seus valores (Barbosa, 1990). Aos 8 anos de idade iniciou o artesanato voltado para imãs de geladeira com bonequinhas de crochê, oriunda de Gravatá-PE, uma cidade circunvizinha, também conhecida por suas atividades artesanais, as quais são produzidas e comercializadas peças com símbolos culturais distantes das propostas a confecção das máscaras do Papangu de Bezerros, por isso, para a artesã Leninha as suas expectativas e interesses envolviam outro trabalho artesanal, o que mudaria completamente após conhecer o artesão Sivonaldo Araújo, o mesmo artesão que atravessa a identidade de Beto Cabeção, e para a artesã, Sivonaldo Araújo foi inspiração:

> "Meu amigo, meu irmão, até a posição de cortar o papel foi ensinada por Sivonaldo. Bom, eu comecei com as bonequinhas de crochê, e preciso contar que elas não foram tão aceitas nas feiras de artesanatos, quase não eram vendidas, ai ele me chamou para uma oficina com barro e silicone nas formas das máscaras, e eu não tinha noção do para que, eu fiz pois o professor solicitou, mas o meu encontro mesmo com as máscaras, foi com a técnica do papel machê, eu ainda fiz parte da oficina de papel colê com as máscaras de tamanhos tradicionais, mas o papel machê foi essencial para pensar algo diferente, algo que mudou o imaginário das máscaras de Papangu, principalmente por diminuir o tamanho, e a partir do papel machê, surge o meu carro chefe que são os brincos, que é a *minha identidade até hoje*. Depois vou aderindo formas maiores para imãs, colares, pulseiras, chaveiros, quadros, estandartes, até mesmo com o uso do gesso na confecção das máscaras e/ou com o papel colê" (Extrato de entrevista, abril, 2025).

Assim, foi Leninha quem renovou a cultura das máscaras, cultura essa com décadas de existência, então, o que antes servia de ornamentação de ruas ou meio de esconderijo ou brincadeira para foliões anônimos e irreverentes, tornou-se nas mãos da artesã adorno e acessório da moda. A sua construção de identidade se dá diante do encontro com a mudança do imaginário das máscaras, com o primeiro momento enquanto um saber meramente técnico e passou a ter beleza e significado, quando as máscaras em papel machê ganham novos formatos em brincos e tiaras, reproduzindo os traços marcantes, delicados, e os detalhes das máscaras grandes em miniaturas, desafiando e revitalizando o artesanato tradicional da população, que é cada vez mais forte e vivo em sua dedicação de 25 anos para as máscaras.

Figura 13 - Artesã Leninha confeccionando máscaras de gesso para chaveiros

Fonte: Acervo pessoal da autora, 28 de abr. 2025.

A sua narrativa afirma a confecção das máscaras não só como um conhecimento intelectual, mas em condição da arte que provoca uma habilidade de perceber, ler e interpretar o mundo, é em seu contato com a cultura diferente, que se fez possibilidade para os modos distintos de dar significado estético a sensações, emoções, histórias, saberes e criar o inusitado, Leninha acrescenta que:

> Quando eu fiz os brincos em papel machê, foi um sucesso, eu coloquei no Centro de Artesanato de Pernambuco e chegou a faltar, era de todo lugar a procura, de Recife, de Caruaru, de todo canto [...] E até hoje eu continuo vendendo brincos, eu não quero deixar de fazer com o papel machê, esse foi o meu sucesso. O papel machê permite que fique leve a peça. E para se fazer o papel machê, é necessário cortar ele, colocar na água, deixar passar dois dias com água sanitária, em seguida é preciso triturar e deixar secar, depois de seco é preciso triturar novamente. Aí se faz o mingau que é usado o amido de milho (Maizena), água e vinagre e coloca no papel já seco e triturado, vai amassar como se fosse uma massa de pastel, até soltar das mãos. Em seguida, já está pronto para o uso é só colocar nas forminhas e retirar o produto já pronto (Extrato de entrevista, junho, 2025).

Assim, a artesã construiu seu entendimento sobre a cultura das máscaras de Bezerros, o que foi manifestado em sua identidade individual, e, através da leitura visual das máscaras, refletiu sobre os aspectos simbólicos, formais e estéticos transmitidos nesta herança social, ela percebe-se como atuante neste mundo simbólico (Richter, 2004), exalta a confecção das máscaras em sua função social, "Eu sou apaixonada, se tirar é mesmo que me matar" (Extrato de entrevista, abril, 2025). Ou seja, o seu fazer artesanal não existe sem dar sentido ao seu trabalho, pois entende que impacta diretamente a sua vida e que alcança tantas outras, são as peças delicadas e pequenas que romperam com o comum e marcam uma grande repercussão nos desejos de novos tempos para a arte na folia do Papangu.

Figura 14 - Brincos em papel machê – Leninha

Fonte: Acervo pessoal da autora, 14 de jun. 2025.

Nesta linha, a confecção das máscaras em sua função social aparece também em seu apoio para a confecção da fantasia de título Rainha do Papangu, esta foi primeiro lugar no concurso de Papangu em 2005, mesmo sendo conhecida por sua mudança no imaginário do Papangu para acessórios, a artesã Leninha escolheu compor o grupo de mãos artísticas que contribuíram para a criação do artesão Sivonaldo Araújo ser destaque no clássico e aclamado concurso. A Rainha do Papangu é a fantasia de puro machê, e carrega uma bagagem de um projeto social que envolveu a reciclagem com o lixo servindo como base para que as peças tomassem personalidade viva nas mãos do artesão, além disso, trabalhava-se com jovens em vulnerabilidade socioeconômica na reintegração socioeducativa desses jovens, transformando esses em pequenos artesãos.

Figura 15 - Fantasia Rainha do Papangu – Concurso de Papangu de 2005

Fonte: Livro Máscaras de Bezerros, 28 de abr. 2025.

Figura 16 - Fantasia Rainha do Papangu – Concurso de Papangu de 2005

Fonte: Livro Máscaras de Bezerros, 28 de abr. 2025.

Portanto, a confecção das máscaras de Bezerros desenvolve narrativas permeadas de reflexos da memória social, histórica, cultural e artística, situa-se em ser [...] também um tempo de retomar os conhecimentos aprendidos, de aproximar o conhecimento teórico da própria construção de si, como um ser histórico. Como parte de um processo de reflexão [...] (Moraes, 2015, p. 127). Cada identidade reproduz as mais variadas essências da cultura e transformam de maneira consciente o mundo simbólico.

5 ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PRÁTICAS CURRICULARES E A IDENTIDADE CULTURAL DAS MÁSCARAS DE BEZERROS

Promover a experiência formativa do estudante não é só conteúdo, e o estágio supervisionado nos apontou como tornou-se conflitante essa afirmação em meio aos movimentos de produção curricular da escola alinhados a lógica de produtividade e às políticas curriculares da BNCC e o Currículo de Pernambuco, o documento Organizador Curricular, aparece como tentativa de sobrepor o planejamento bimestral do professor e retirar a autonomia e a intelectualidade, para exigir uma identidade docente *produtiva*, apagando as diferenças ao organizar os conteúdos, hierarquizando as áreas do conhecimento e agindo de maneira curricular para privilegiar o ensino da Língua Portuguesa e de Matemática, uma vez que esses componentes curriculares têm cargas horárias maiores, tendo em vista que as diagnósticas se concentram nessas disciplinas.

A desigualdade produzida por esse documento, acaba por aparecer na prática dos professores, as "[...] demandas locais-globais das políticas atravessam as práticas curriculares docentes sem que, no entanto, estas se ocupem da restituição de sentidos destes mesmos discursos em suas práticas [...]" (Silva; Almeida; Leite, 2023, p. 2), ou nos sentidos de currículo e cultura, o que interfere na performatividade e na identidade docente, ou seja, a excessiva busca para definir o que fazer, o como fazer e quem é o professor – seu perfil –, consiste em *"aprisionar"* as práticas curriculares e pedagógicas ao lugar de reprodução, cumprir e executar propostas de aulas correspondentes a rotina treineira, com enfoque as disciplinas de cunho mais técnico, preparando para as avaliações diagnósticas que são altamente padronizantes do cotidiano da sala de aula.

Assim, nos questionamos se o ensino de Arte provocaria rupturas as noções de currículo nas práticas curriculares? Ainda estaria a normatização curricular prescrevendo o currículo que silencia o ensino da Arte para a construção do conhecimento da identidade cultural e para que o estudante se perceba sujeito atuante no mundo simbólico? Como os movimentos de produção curricular da escola nos indicam limites?

Dessarte, destacamos que o Organizador Curricular associado aos interesses e a argumentação de produtividade das políticas neoliberais, esvazia a profissão docente, esquecendo que ser professor vai além de ensinar a fazer algo (Oliveira; Canuto; Lemos, 2023). A autonomia do professor e suas condições de trabalho, é para se questionar diante as posições do documento curricular, que desautoriza a escola e os sujeitos escolares, impondo uma suposta clareza e transparência no texto curricular.

Diante disso, analisamos como os movimentos de produção curricular da escola nos indicam limites, e é a partir do agir de maneira curricular para privilegiar o ensino da Língua Portuguesa e de

Matemática, que percebemos um discurso do perfilamento ao professor alfabetizador, o que implica na construção intersubjetiva – na forma de pensar –, o sentido de docência projeta-se na discursividade do *sonho da docência*, com a professora afirmando que "não existe uma divisão que nivele as dificuldades, e apenas priorizaram *o sonho da docência* para a professora do 5° ano B que está com uma turma preparada para o nível de escolarização exigido ao ano e eu sou a professora com perfil alfabetizadora" (observação do diário de campo, fevereiro, 2024).

Assim, o *sonho da docência* indica a repressão as práticas criadoras de currículo em uma estrutura curricular disciplinarizada. A fala da professora é um alerta a maneira em que a escola acolhe sentidos de educação e significantes de aprendizagens das políticas curriculares e políticas avaliativas que concedem desigualdades e propostas de "soluções", as quais recaem e responsabilizam ao professor, pois uma turma de 5° ano com estudantes que não estão alfabetizados é um marcador invisibilizado, e é lançado ao seu trabalho parâmetros de perfil alfabetizador que a definem como "boa" professora.

Logo, reconhecer a identidade dos artesãos das máscaras de Bezerros no cotidiano escolar da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir das práticas de estágio supervisionado, em meio ao resgate da história, da expressão cultural e de narrativas dos artesãos das máscaras de Bezerros, nos levou a um outro limite, mas também ao caráter da interpretação curricular na experiência de estágio, e é quando mostro o livro Máscaras de Bezerros, informo que conheci essa obra através do estágio na escola, e pergunto quem costuma ir à biblioteca e quem já leu ou sequer viu esse livro lá, são com as respostas que começo a perceber um acesso restrito aos anos de escolarização 8° e 9°, o que implica no atraso para a turma conhecer a obra, levando no mínimo três anos, e esse limite era reforçado por meio da justificava do cuidado.

O "julgamento" pensado a partir daquilo que os adultos entendem que as crianças devem ler, muda de acordo com as concepções de cada tempo e espaço, e sempre interfere no que chega as crianças e adolescentes leitores, penso que

> [...] a escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino e de organização dos alunos em categorias (idade, grau, série, tipo de problema, etc.), categorias que determinam um tratamento escolar específico (horários, natureza e volume de trabalho, lugares de trabalho, saberes a aprender, competências a adquirir, modos de ensinar e de aprender, processos de avaliação e de seleção, etc.) [...] (Soares, 2011, p. 21).

Portanto, com a presença desse "julgamento", surge a necessidade em saber sobre a frequência de convívio dos estudantes com o espaço da biblioteca, uma estudante fala "amo ir e ler os livros, brincar com jogos e fazer novos amigos nesse espaço, mas como sou do 5° ano, não existiu muitas oportunidades para fazer atividades na biblioteca" (observação do diário de campo, março, 2024),

assim identifico uma deixa para saber em quais disciplinas costumavam propor o uso da biblioteca com sua turma nesse ano e nos anos anteriores, a estudante responde “tia, só lembro das atividades nas aulas de Português” (observação do diário de campo, março, 2024), o que Soares (2011) chama de literatura escolarizada, ou seja, existe um professor específico para fazer uso da biblioteca e normalmente é o professor de Língua Portuguesa. Porém, associar o seu ano de escolarização com as poucas oportunidades de ir à biblioteca, nos evidencia mais um impacto da rotina treineira.

Contudo, é diante dessa situação que percebo como a prática de estágio supervisionado terá um potencial significativo para transformar o currículo, a minha regência com o ensino de Artes estava atuando na produção curricular da sala de aula, o planejamento da aula e o uso do material da caixa desvelava o novo e desconstruía a normalidade de preservar a obra em condições inadequadas de permanência a política do não uso do livro e da biblioteca. Então, retomando mais uma vez a Soares (2018), que nos indica o que é suficiente para ler um livro, e é afirmado que basta apenas o desejo. Dessarte, como fica a leitura de mundo das crianças e dos adolescentes que lidam constantemente com a tentativa de apagamento curricular das narrativas históricas, do imaginário, da cultura e da própria história do seu povo? Se não há tempo de ler livros e há regras para estabelecer quais devem ser lidos, como o estudante poderia se perceber sujeito atuante no mundo simbólico através das práticas curriculares?

No entanto, percebemos que a escola é um espaço vivo, com o inusitado que transcorre no cotidiano escolar e impossibilita de reduzi-la a uma única interpretação normativa, não há documento com controle total da vivência escolar, pois essa transcende as tentativas normativas, distorcendo a normatividade proposta e demonstrando a fragilidade de qualquer base que busca impor um sentido único. Portanto, as políticas,

> [...] passam por significativas mudanças no contexto da prática composto por um conjunto de sujeitos capazes de transformar o conteúdo do texto político em ações que atendam a novas demandas impostas pelas relações cotidianas e por uma soma de interesses que podem se converter em processos de resistência ao *instituído* (Nascimento; Oliveira; Giorgi, 2020, p.4, grifo dos autores).

Nesta linha, as transformações das políticas se dão através de um conjunto de sujeitos inseridos no ambiente escolar, que não apenas a recebem passivamente, mas a transformam em ações que atendam às relações cotidianas, ou seja, a partir das interpretações e tradução das políticas em práticas concretas, os sujeitos se reconhecem na capacidade de serem resistência diante das imposições instituídas.

Dessarte, para pensarmos as interpretações e a tradução diante as decisões e construção curricular, existe a necessidade dos “[...] professores que deixem de ser meros implementadores de políticas curriculares e passem a se reconhecer como curriculistas, construtores do currículo (Kreuz;

Leite, 2022, p. 1773). Compreendendo que não há cotidiano escolar sem ser atravessado pela influência dessas políticas, o professor se encontrar enquanto curriculista, em uma produção ativa, permite-o operar como parte dos processos da produção curricular, que são processos sem neutralidade, que se dão nas interpretações individuais, pelas dinâmicas sociais e pelos interesses diversos que se manifestam no cotidiano escolar. Portanto,

> [...] destacamos a importância de ouvir atentamente os discursos pedagógicos produzidos nos espaços escolares, dar voz a quem faz o currículo acontecer nos parece uma possibilidade inicial e indispensável para o processo de maturidade das compreensões curriculares dos professores em atuação na Educação Básica brasileira (Kreuz; Leite, 2022, p. 1774).

Ademais, os sujeitos do cotidiano escolar fazem o currículo acontecer, e a voz dos professores nos processos da produção curricular possibilita a construção de currículos outros simbolicamente concebidos e mediados no social. Diante disso, reconhecemos a escola como lugar que se faz nas relações sociais e que o currículo revela elementos que caracterizam essas relações sociais. Logo, as narrativas dos artesãos deixam claro que a aproximação com a tradição das máscaras de Bezerros não é natural, ou que surge indiferente às intenções ou interações sociais, pois depende e acontece propriamente nas relações sociais, e por isso o ensino de Artes permite buscar e trabalhar com as relações sociais através do desenvolvimento do repertório e imaginário cultural.

Na experiência de estágio supervisionado pergunto para os estudantes o que conhecem sobre o carnaval de Bezerros e o que as máscaras representam, esses respondem que “nós teve uma ida pra conhecer o artesanato de um homem que faz máscaras, o Lula Vassoureiro. O povo diz que as máscaras é a marca da terra do Papangu” (observação do diário de campo, março, 2024). Assim,

> [...] é impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real, na sua cotidianidade. Sem saber o que eles sabem independentemente da escola para que os ajudemos a saber melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, para, a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem (Freire, 2017, p. 108).

Dessarte, o ensino de conteúdos nas Artes para o desenvolvimento do repertório e imaginário cultural, transcende a simples aquisição de conhecimentos, pois com os diversos saberes, com o contexto real e a cotidianidade dos estudantes, que são impactados com o acesso à arte e a cultura em sua formação intelectual e social, contribui para abordar a identidade dos artesãos, condicionando a aprendizagem das inquietudes, descobertas, estímulos, apropriação e transformação de saberes.

Portanto, no ensino de Artes, é importante desenvolver experiências concretas, fundamentadas na perspectiva cultural. Essas devem objetivar aspectos para a escola na mudança e ampliação do conceito de arte usualmente trabalhado na disciplina, como:

a) valorizar narrativas de grupos envolvidos com a construção do imaginário artístico, suas experiências de vida e visões de mundo, tendo referenciais para uma experiência pedagógica sobre o contexto local;

b) mediar o conhecimento e significados que se originam do cotidiano dos estudantes, entendendo que os processos de ensino e aprendizagem devem estar situados na dimensão sócio-histórico-cultural, em posição de aproximar os estudantes por meio de uma perspectiva curiosa e crítica;
c) valorizar a interação entre estudantes e professores e entre os próprios pares, na experiência pedagógica que produz o conhecimento da arte de maneira histórica-cultural;
d) conceber a arte como possibilidade de conhecer a identidade cultural, perceber o objeto artístico e o processo de criação, promovendo vivências coletivas com os saberes, e reconhecendo ou formando novas representações simbólicas sobre os valores e tradições de um povo.

Outrossim, o conhecimento artístico e cultural não surge de maneira espontânea, sem as relações sociais, pelo contrário, se dá nos processos históricos, de trocas intergeracionais, de vivências comunitárias e de interações que atravessam o fazer artístico. O ensino de Artes possibilita acessar diferentes formas de ver, sentir e ler o mundo, dialogando com o contexto local, com as tradições culturais e com os saberes da comunidade, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do repertório e do imaginário cultural dos estudantes, favorecendo processos de apropriação, ressignificação e transformação dos saberes, promovendo pertencimento e produção de conhecimento sobre a identidade, situando-se na dimensão sócio-histórico-cultural, de maneira a convidar os estudantes para refletir sobre seu próprio lugar como atuante no mundo simbólico.

O ensino de Artes assume uma função social e política comprometida com à legitimação dos saberes oriundos da cultura popular, a transformação social e conceber a arte como espaço de formação da e para a identidade cultural**,** onde o objeto artístico e o processo de criação são compreendidos como representações simbólicas dos valores, memórias e tradições de um povo, possibilita que os estudantes não apenas aprendem o conteúdo, mas também constroem significados históricos-culturais sobre si mesmos e o seu contexto local.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objeto de estudo voltou-se para reconhecer a identidade dos artesãos das máscaras de Bezerros no cotidiano escolar da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir das práticas de estágio supervisionado, no resgate da história, da expressão cultural e de narrativas dos artesãos das máscaras de Bezerros, entendendo como as confecções para o Papangu de Bezerros são capazes de revelar aspectos do desenvolvimento da localidade e da identidade cultural e da social construídas por grupos artísticos envolvidos ao longo de décadas com a arte popular. Definir o objeto e o recorte para as práticas de estágio supervisionado no Ensino Fundamental dos anos iniciais em meio à leitura do livro Máscaras de Bezerros e a construção de um planejamento para a disciplina de Artes com o uso de uma caixa enquanto proposta lúdica de (re)contar a obra, com formas, identidades, estilos e diversidades do artesanato que estão presente no carnaval e que representam a tradição do Papangu, foram impulsionando a escrita dessa pesquisa para revelar muito mais ao cotidiano escolar e a produção científica, daquilo que está no âmbito do silenciamento, é a cultura e a história de um povo que é criador do imaginário das máscaras que sempre me encantaram.

Dessarte, inicialmente, aparece o seguinte questionamento: como esse estudo revelaria o impacto das práticas curriculares na construção da identidade cultural? O caminho metodológico realizado apresenta sobre a lacuna de discussões com o cotidiano escolar do Ensino Fundamental, mais especificamente dos anos iniciais, o que conduz nosso interesse em buscar através da experiência de estágio nos anos inicias, tratar a produção curricular e todo processo envolvendo-a e os sujeitos escolares. Os resultados da pesquisa apontaram que o documento Organizador Curricular, ao prescrever planejamentos bimestrais com os conteúdos e priorizar disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática em detrimento do ensino das Artes, reforça como a lógica produtivista impacta no cotidiano escolar e reproduz rotinas treineiras para atender os objetivos das avaliações diagnósticas, o que tensiona com as possibilidades de práticas pedagógicas criativas e contextuais.

A experiência de estágio supervisionado revelou como o ensino de Artes atua de maneira curricular para pensar a cultura e promover o reconhecimento histórico, apesar das imposições normativas, a escola se mostrou um espaço vivo, com potencial para resistência, pois o seu cotidiano é do inusitado e assim como a identidade cultural nos conduz por um processo de diálogo entre todas as partes envolvidas. Aproximar a sala de aula dos fazeres artesanais nas confecções das máscaras, transcorreu pelo conhecimento dos estudantes sobre a dimensão sócio-histórico-cultural, chegando as narrativas dos artesãos, as crenças, tradições, moda e o imaginário do Papangu propriamente dito, e permitiu vivenciarmos uma experiência mais real, tátil e próxima do contexto histórico que cerca esses símbolos culturais e sua relevância formativa.

O trabalho pretende ajudar a futuras pesquisas que visem continuar pensando o cotidiano escolar em seu constante atravessamento com a cultura local, com manifestações artísticas e elementos da memória coletiva. Estimulando investigações que contribuam para uma melhor compreensão sobre como o ensino de Artes pode provocar rupturas as noções de currículo nas práticas curriculares e como o atuar nos movimentos de produção curricular da escola, reconhecendo quais são os limites e as possibilidades, contribuem para a construção do conhecimento da identidade cultural em que o estudante se perceba sujeito atuante no mundo simbólico. Portanto, afirmamos a nossa tentativa de proporcionar uma melhor compreensão das relações entre história, memória e identidade cultural nas práticas de estágio supervisionado, colaborando para a compreensão do artesanato local como um dos fenômenos que incorpora em diferentes peças as muitas características de seu povo, e que precisa tomar mais materialidade nas práticas da escola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sivonaldo. **Máscaras de Bezerros.** Recife: Funcultura, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Passageiros da noite:** do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito de uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **O ensino da arte e sua história.** São Paulo: MAC/USP, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação:** leitura no subsolo. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BEDIN, Angela Maria; ANTÔNIO, Clésio Acilino. Os Impactos da BNCC na Política Curricular do Estado do Paraná. **Currículo sem Fronteiras,** v. 23, p. 1-32, 2023. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol23articles/bedin-antonio.pdf. Acesso em: 16 nov. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,1997.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos.* 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não:** cartas a quem ousa ensinar. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIGANTE, Camila Costa. *A educação integral na base nacional comum curricular.* Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/18250. Acesso em: 16 nov. 2024.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEIJMANS, Pierre Marie. **Arte:** uma linguagem natural. Belo Horizonte, 2004.

KREUZ, Kelly Karine; LEITE, Fabiane de Andrade. Compreensões de professores de ciências acerca de currículo: um olhar em contexto escolar**. e-Curriculum,** v. 20, n. 4, p. 1750-1776, 2022. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum. Acesso em 05 jul. 2025.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégias socialistas:** por uma política democrática radical. São Paulo: Entremeios; Brasília: CNPq, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Dislane Zerbinatti. O que a escola faz com o currículo de história: o exame dos sentidos do trabalho docente e da lógica das práticas de ensino. In: GATTI, Décio Júnior. **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar, v. 38400, p. 107, 2015.

NASCIMENTO, Tatiane Oliveira Santos; OLIVEIRA, Maria Eliza Nogueira; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini di. A elaboração de Planos Municipais na perspectiva da análise institucional e da abordagem do ciclo de políticas. **Práxis Educativa,** v. 15, p. 1-19, 2020. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa. Acesso em 05 jul. 2025.

OLIVEIRA, Marcia Betania de; LEMOS, Anaylla da Silva; CANUTO, Mônica Barbosa. O Global Educational Reform Movement (GERM) e a BNCC: performatividade para formação e práticas docentes. **Revista Teias,** v. 24, n. 74, p. 10-22, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.12957/teias.2023.76015. Acesso em: 05 jul. 2025.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público:** a distância a ser extinta. Campinas, São Paulo, SP: Autores Associados, 2003.

PIMENTEL, Clívio Júnior. Base Nacional Comum Curricular no Oeste da Bahia: políticas da tradução em relatos de professores. **Currículo sem Fronteiras,** v. 21, n. 2, p. 901-923, 2021. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/junior.html. Acesso em 24 jan. 2025.

RICHTER, Ivone Mendes. A pluralidade cultural e o ensino da arte (p.141-173). In: CORRÊA, Ayrton. **Ensino das artes:** múltiplos olhares. Ijuí: Unijuí, 2004.

SANTOS, Sulanita Bandeira da Cruz Santos. *Escrita Científica: algumas anotações.* Pesquisa em educação: teorias, experiências e orientações. Editora UFPE. 2018.

SENNETT, Richard. **O artífice.** Tradução de Clóvis Marque - 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Maria Angélica; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataide de; Leite, Carlinda. Movimentos de tradução das políticas-práticas curriculares docentes no agreste pernambucano. **Revista Espaço do Currículo,** v. 16, n. 3, p. 1-18, 2023.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. (Orgs.). **Escolarização da leitura literária.** 2ª ed., 3ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

STRECK, Danilo Romeu Streck. Práticas educativas e movimentos sociais na América Latina: aprender nas fronteiras. **Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB,** 2006.

TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. Atlas S.A., São Paulo, v. 133, 1987.